

TRANSAMAZÔNIAS: ZONAS IMAGINÁRIAS

https://doi.org/10.14195/2182-844X_9_22

Silvio Luiz Cordeiro

Arquiteto, Arqueólogo e Curador da Mostra Transamazônias: Zonas Imaginárias

A memória da presença humana no vasto território florestado sul-americano chamado Amazônia, penetra o tempo em milênios. Evidências arqueológicas remontam a mais de 12.000 anos. Diversos sítios estudados mostram que existiram grandes aldeias, com densidade populacional relativamente elevada. Estudos recentes ampliam as cenas dessa presença que transformou, ao longo dos séculos, extensas áreas da selva, domesticando espécies vegetais, construindo paisagens culturais, por exemplo dos diversos geoglifos evidenciados.

As gentes que lá chegaram, em fluxos migratórios do passado remoto, passaram a habitar o bioma e transformá-lo nas gerações e culturas sucessivas. Nela construíram seus lugares em equilíbrio com os seres, habitantes ainda mais antigos. Os estudos arqueológicos contemporâneos sobre os vestígios das antigas sociedades humanas que viveram na Amazônia expõem cenas de uma longa história dessa presença. Pelas fontes diretas, na materialidade dos restos, nos sinais visíveis, mas também na oralidade das culturas aborígenes e seus mitos, na diversidade das línguas ainda existentes, podemos compreender a dimensão humana na memória deste território.

Estima-se em até 10 milhões os que habitavam a Amazônia antes da invasão dos colonizadores

européus, fato determinante das profundas transformações que progrediram no tempo. A selva passa a ser dominada por outras formas de exercício do poder e de se viver. Instauram-se outras temporalidades nos séculos sucessivos ao início da exploração colonial, relacionadas com as demandas do modo de vida urbano para além das fronteiras da *Grande Floresta* inscrita no imaginário mundial.

O extrativismo pleno, na exploração e extração de tudo aquilo considerado como *recurso* econômico, como objeto (inclusive os seres humanos e não-humanos), como *matéria-prima* neste imenso território e as ruínas resultantes das atividades predatórias recentes — dos garimpos clandestinos ao desmatamento e incêndios a produzirem cinzas funerais — envolve as cenas humanas resultantes desde o início da colonização ao tempo presente, expressas em complexo mosaico onde coexistem temporalidades distintas, seja o tempo do modo de vida de povos originários em relativo isolamento, seja o tempo do capital, a girar incessantemente, em demandas de consumo cada vez maiores, ao passo do crescimento populacional de um mundo submetido à lógica predatória e hegemonia do capital.

Amazônia é um território de paisagens diversas, muitas delas reconfiguradas ao longo de séculos, desde os humanos que primeiro habitaram aos novos atores responsáveis pelos processos dinâmicos na história de sua transformação,

impulsionada por atividades econômicas de vulto, todas de grande impacto. Muitas espécies foram — e continuam a ser — extintas, assim como muitas etnias desapareceram, por genocídios propagados, enquanto outras culturas humanas resistiram ou migraram para os recessos na selva, pressionadas pelo avanço da exploração destrutiva, ainda em marcha. Chamei a esse mosaico de *paisagens mestiças*, como maneira de expressar as distintas cenas humanas entretecidas no tempo, sobretudo pelas dinâmicas disparadas por motivações econômicas, para as quais a escravatura — extrativismo humano nas etnias indígenas e africanas — está entre os fatores da extrema violência gravada na memória dos lugares explorados.

No século XXI lá encontramos, como foi dito, desde etnias em relativo isolamento aos impactos de atividades econômicas, em diversas e novas frentes colonizadoras que avançam sobre antigas terras indígenas, com violência em vários níveis, a ultrapassar fronteiras, na ameaça aos seres que habitam este bioma e influem na sua interação com a biosfera em tempos de *mudança climática*.

Neste sentido, compreendemos a região como *território-síntese* dos complexos problemas envolvidos nas dinâmicas predatórias sob o Antropoceno, a revelar o drama humano e ambiental expresso pelas paisagens amazônicas contemporâneas, em acelerado ritmo de mutação, sob impulso das formas de exploração e extração, em contraste com a vivência aldeã de culturas indígenas e de culturas tradicionais, como aquelas dos quilombolas e dos ribeirinhos, comunidades humanas mestiças que habitam a floresta.

Mas seria possível compreender este território ancestral, considerando-se apenas uma Amazônia, unívoca?

A resposta é simples: outras *Amazônias* coexistem. Desde aquela nomeada no passado remoto, sem sabermos hoje por quais nomes foi chamada, nomes criados em línguas extintas, faladas por seus primeiros habitantes humanos, no tempo quando indagavam o ambiente e assim nomearam lugares, plantas, animais, rios, serranias, lagos, ilhas — às que foram vivenciadas pelas antigas etnias descendentes, que assim transformaram outra vez mais os lugares em paisagens culturais; até aquela Amazônia — a que mais se difundiu entre as sociedades urbanas desde o período colonial — imaginada e representada (textual e visualmente) pelos primeiros europeus e todos os demais que lá ingressam por terra, água e pelo ar. A exploração invadiu os recessos florestados, a transformar novamente paisagens ancestrais em outras realidades, pelas frentes de colonização, velhas e novas, num processo que, por fim, ainda marcha na região, passados os séculos.

Da Amazônia poderíamos talvez vê-la — e compreendê-la — como amplíssimo território de imaginários, que transcende qualquer visão redutora, que a defina — e a confine — a um só modo de compreensão e de existência.

A mostra fotográfica e audiovisual intitulada *TransAmazônias: Zonas Imaginárias* integrou assim o programa do primeiro encontro da série Antropocênica em Portugal como evento cultural-artístico iniciado especialmente em Lisboa: no contexto mais amplo que motiva a própria

Antropocênica, isto é, propiciar diálogos críticos a refletir sobre *as cenas do drama humano no teatro do mundo em mutação*, elegemos a Amazônia como tema central desta mostra que abriu, em outubro de 2022, a jornada coletiva desta série internacional.

Minha curadoria se iniciou a partir da seleção de obras que expressam na região amazônica, cada qual a seu modo, relações humanas em contextos de conflito, de busca e de trânsito por zonas transformadas, em que a tensão entre o ambiente natural e ambiente construído (explorado) se revela *nas paisagens* vivenciadas pelas pessoas que ali habitam, que ali invadem e chegam para extrair. Mas o fator que influenciou na decisão final de escolha dos filmes e imagens, foi a referência a um elemento presente nas obras em vista, seja em sua dimensão devastadora, seja em sua dimensão protetora e simbólica, inclusive como entidade mítica: o fogo.

Manifestação que surge da violência extrema dos incêndios intencionais, a devastar fauna e flora. Mas o fogo produzido é antes um saber, uma técnica ancestral da humanidade, que expandiu a sua potência transformadora. O fogo que aquece a comunidade, protege das feras; o mesmo fogo, mantido aceso e transmitido a gerações; o fogo mítico de seres que habitam a floresta.

A ambivalência do elemento poderia assim ser vista em tela na mostra; e nos três filmes que selecionei, o fogo surge com sentidos específicos. Assim, vemos esta presença como signo da ação predatória, nos grandes incêndios na Amazônia, tal como no *travelling* do filme *Iracema - uma Transa Amazônica*

de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, documento histórico (1974) da destruição sob a ditadura militar no Brasil; mas também como força inerente da entidade mítica, ser protetor da selva, personagem do vídeo de Janaina Wagner *Curupira e a Máquina do Destino*, obra em diálogo com o filme acima referido. Todavia há o tempo do fogo vivo, aceso por várias gerações em culturas de antiga origem, seja em aldeias de povos originários na Amazônia, seja na Roma Antiga: vale lembrar do papel essencial das *vestais* na cultura daquela sociedade urbana, que nasce de etnias aborígenes anteriores e que habitavam aquele território transformado no tempo em uma das maiores cidades da Antiguidade. Feita a digressão, volto-me ao filme *Serras da Desordem*, na homenagem que fiz a Andrea Tonacci, com a presença de meu especial convidado, Sydney Possuelo, sertanista, indigenista brasileiro que representa a si próprio neste que é um dos filmes mais significativos, penso eu, da relação entre humanos e de nós com os lugares que habitamos: esse fogo vivo, (i)memorial, levado por um grupo indígena em caminhada conduzida por sertanistas na mata, foi apagado, a “mando” destes...

No filme, eles refletem sobre o fato: a ruptura na transmissão desse fogo. Qual seria a história da origem dessa chama ininterrupta? Há quanto tempo foi aceso? Em que contexto? Uma ruptura provocada pelo acelerar do tempo: exigiu-se aumentar o ritmo da progressão da marcha com o grupo indígena isolado, próximo ao igarapé Água Preta, com o objetivo de se chegar o mais breve possível ao destino final¹. Os sertanistas refletem sobre a dimensão da “ordem” proferida,

¹ Fato narrado no filme *Serras da Desordem* pelo sertanista Wellington Gomes Figueiredo e seu auxiliar na época, Luís Moreira Silva.

que provocou a ruptura com uma temporalidade ancestral, de certo modo mantida pela presença desse fogo-entidade, signo de vida do grupo humano, do seio familiar, que foi apagado.

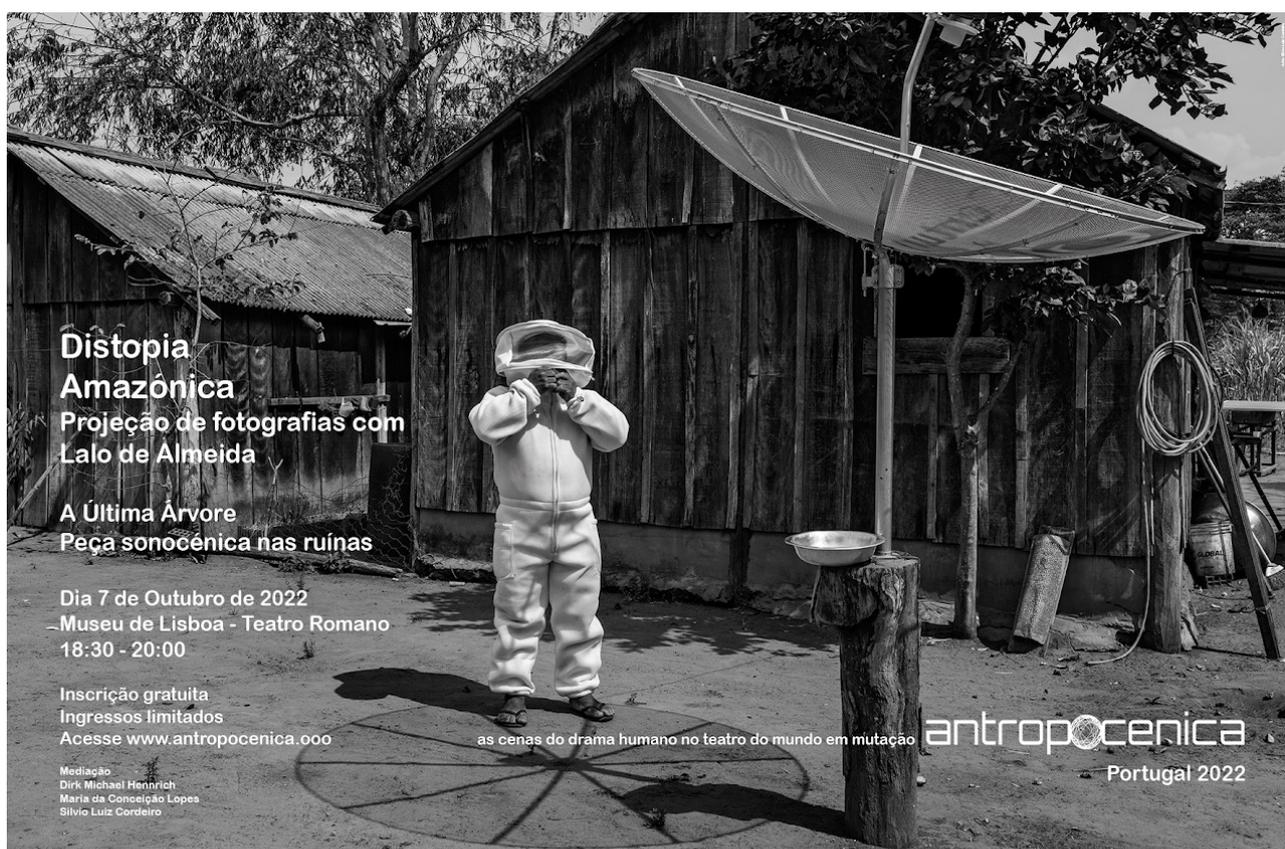
Além destas três obras audiovisuais, selecionei a série fotográfica *Distopia Amazônica*, do fotojornalista Lalo de Almeida, que há anos documenta os processos mais recentes de transformação regional e os múltiplos impactos observados, captados por seu olhar sensível, humano e indagador das realidades amazônicas contemporâneas.

Fiz assim o convite à participação de autores de gerações diferentes, todas com trajetórias próprias

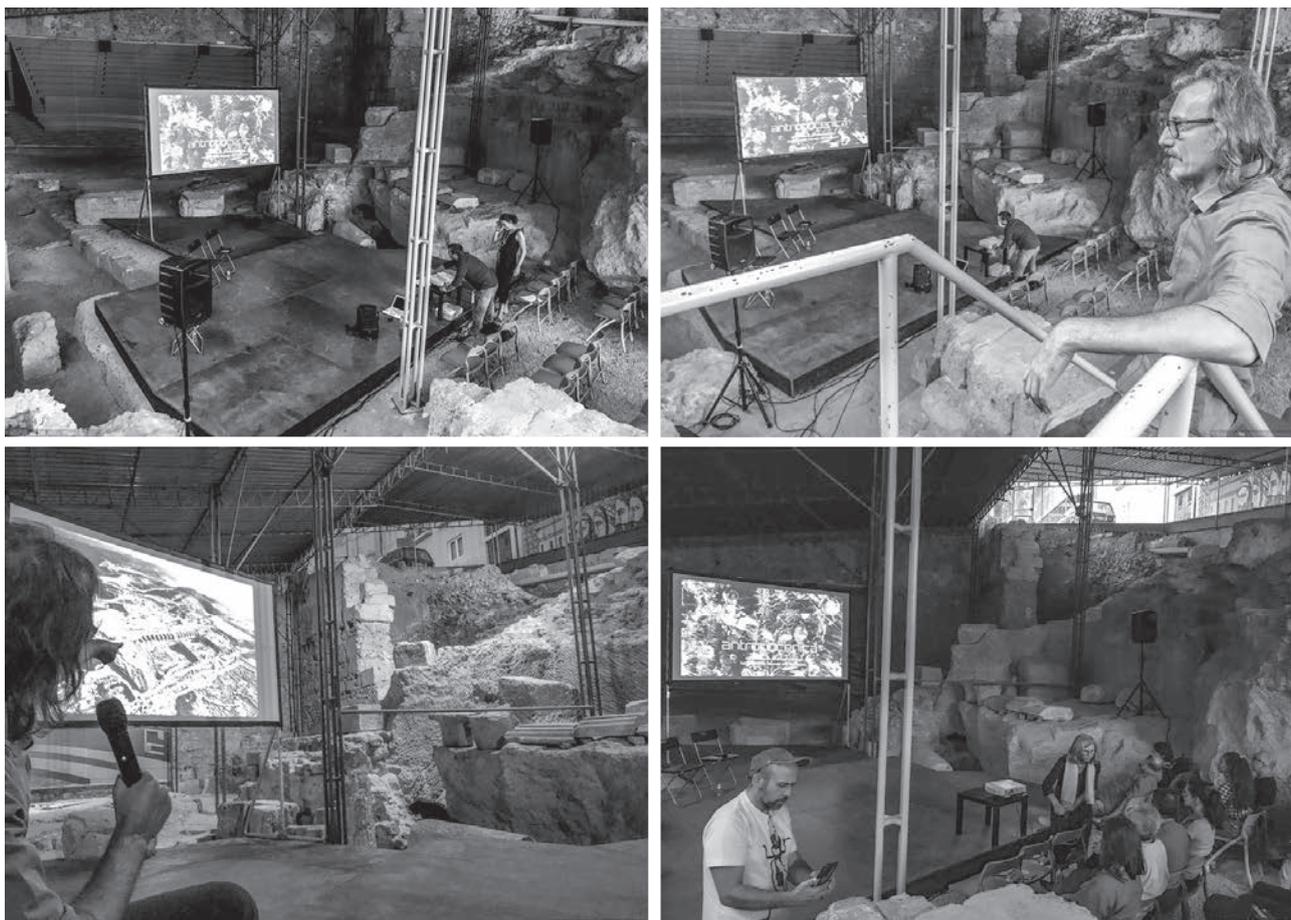
na região e que elaboraram representações, imagens e imaginários, ou, em uma palavra, *narrativas* de tempos distintos da Amazônia: foram assim vistas na mostra, especialmente na presença dos autores convidados, que relataram as suas respectivas experiências ao público presente nas sessões programadas.

Abertura nas Ruínas do Teatro Romano de Lisboa

A relevância deste lugar que propus para abrir *TransAmazônias: Zonas Imaginárias* está no entretecer de referências simbólicas essenciais, assim activadas seja a partir do próprio nome



Uma das fotografias da série *Distopia Amazônica* na arte do cartaz de divulgação da abertura da mostra *TransAmazônias: Zonas Imaginárias* no Museu de Lisboa - Teatro Romano. Imagem: Lalo de Almeida.



Do alto à esquerda, seguindo-se em sentido horário: Hugo Henriques e Patrícia Brum na montagem dos equipamentos de som e projeção de imagens sobre tela instalada nas ruínas do Teatro Romano de Lisboa; em primeiro plano, o fotojornalista Lalo de Almeida acompanha a montagem; o filósofo Dirk Michael Hennrich e a arqueóloga Maria da Conceição Lopes juntos do público, momentos antes do início da projeção; Lalo de Almeida fala sobre a imagem que documenta a fase de instalação da usina hidrelétrica de Belo Monte (a maior hidrelétrica da Amazônia e a 4ª do mundo), construída no rio Xingu. Imagens: Silvio Luiz Cordeiro.

Antropocênica (como bem explicita a frase que elaborei à difusão da série — *as cenas do drama humano no teatro do mundo em mutação*); seja pelo fato do testemunho físico das estruturas arquitetônicas remanescentes do período romano, inscritas e visíveis na paisagem urbana contemporânea de Lisboa; seja pela metáfora das ruínas enquanto cena e cenário actuais do Antropoceno, como se observa nas formas predatórias ainda em marcha sobre a maior floresta tropical do planeta.

A mostra iniciou no dia 7 de Outubro de 2022, com a projeção de imagens selecionadas da premiada série fotográfica *Distopia Amazônica*, do fotojornalista Lalo de Almeida, no Museu de Lisboa - Teatro Romano, um sítio arqueológico em que estão visíveis as ruínas do antigo edifício (século I d.C.), estrutura monumental componente da paisagem urbana nos tempos da *Felicitas Iulia Olisipo*, com apoio da coordenadora deste núcleo do Museu de Lisboa, a arqueóloga Lídia Fernandes — assim como da equipa envolvida na produção do evento².

² Bárbara Antunes, Carolina Grilo, Mariana Morgado, Marina Marques, Mónica Gomes, Patrícia Brum, Sofia Bicho; e de Hugo Henriques no apoio técnico e operação do equipamento audiovisual.



O fotojornalista Lalo de Almeida em primeiro plano, ao lado do sertanista Sydney Possuelo no centro, Jorge Bodanzky à esquerda, sentados no palco do Auditório Soror Mariana, em Évora, Portugal. Imagem: Sílvio Luiz Cordeiro.

Exibições no Cinema-fora-dos Leões / Auditório Soror Mariana da Universidade de Évora

No dia 8 de Outubro, dentro do Cinema -fora-dos Leões da Universidade de Évora, com apoio de Luís Ferro, realizamos duas sessões especiais. A primeira foi dedicada a Andrea Tonacci, cineasta italiano radicado no Brasil, falecido em 2016, homenageado com a exibição de *Serras da Desordem*, obra-prima na cinematografia contemporânea brasileira.

Nesta homenagem, com mediação de Alemberg Quindins, participaram a cineasta Cristina Amaral (a partir de um relato pessoal, gravado em vídeo), montadora de *Serras da Desordem*, companheira

de Tonacci, e o indigenista Sydney Possuelo, personagem do filme, igualmente homenageado no evento, sobretudo por sua atuação em defesa dos povos isolados na região amazônica.

A segunda sessão foi uma homenagem a Jorge Bodanzky. Em tempo crítico de uma eleição presidencial no Brasil naquele momento, o autor sugeriu trocar a exibição de *Iracema - uma Transa Amazônica* por *Terceiro Milênio*, obra sua co-dirigida pelo produtor alemão Wolf Gauer, projeção seguida de um debate com Bodanzky, Sydney Possuelo e Lalo de Almeida.



Ruínas da Villa Romana de São Cucufate, Vila de Frades, durante a sessão especial de encerramento da mostra *TransAmazônias: Zonas Imaginárias*. Imagens menores: Silvio Luiz Cordeiro. Imagem maior: Câmara Municipal de Vidigueira.

Projeções ao ar livre nas Ruínas da Antiga Villa Romana de São Cucufate

Concluindo a mostra no dia 9 de Outubro, exibiu-se um vídeo relacionado com a presença humana — pretérita e contemporânea — na Amazônia e, por fim, o filme *Curupira e a Máquina do Destino*, da artista Janaína Wagner, que encerrou a mostra, em projeção ao ar livre no sítio que abriga as ruínas dos tempos da colonização romana em

Portugal, noite exuberante de lua cheia neste sítio arqueológico e histórico, com apoio essencial da Câmara Municipal de Vidigueira.

A projeção foi antecedida por outro vídeo, dirigido por mim, como resultado de uma breve vivência audiovisual na Comunidade Boa Esperança, situada no Lago Amanã, região central da Amazônia: um exemplo possível de interação entre *ancestralidade, território e travessia*, esta última no sentido de

movimentos migratórios internos no Brasil, como no caso de Nordestinos (habitantes do Nordeste, região semi-árida brasileira) que migraram para a Amazônia atraídos pela atividade extrativista (seringais, castanhais etc.), quando muitos deles foram explorados numa condição de trabalho análoga ao de escravos.

Algumas famílias fugiram do jugo dos “*patrões bravos*”, chegaram no lago Amanã e fundaram a nova comunidade (como relataram para mim uma das lideranças da comunidade); ao construírem ali suas casas, descobriram que aquele território foi habitado por outra gente, em outro tempo.

No evento proposto, as fotografias projetadas e os filmes exibidos nas ruínas formaram um conjunto expressivo e híbrido de imagens documentais e imaginários múltiplos a desvelar no teatro vastíssimo da Amazônia, a tragédia ali presente, que atualiza violentas formas de colonização instauradas no tempo.